



UNICAMP

EVENTO: Cia Nacional de Danza Española

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 06 jun 96

PÁGINA: D-3

SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA



*Bailarinos da
Compañia
Nacional de Danza
da Espanha:
obviedade nos
gestos, na
iluminação e
nos figurinos*

Companhia espanhola perde o rumo

Coreógrafo Nacho Duato transforma o palco num balcão de pasteurizações

HELENA KATZ

Especial para o Estado

Excetando-se a falta de acabamento dos braços e a má impositação das costas, os bailarinos da Compañia Nacional de Danza, que fizeram duas apresentações no Teatro Municipal de São Paulo, ontem e anteontem, se saem bem. O problema principal fica por conta da escrita coreográfica daquilo que dançam, isto é, do que Nacho Duato entende por dança.

Autor das quatro obras do programa, deixa muito claro que, para ele, a técnica do balé funciona como uma espécie de passaporte que dispensa qualquer tipo de visto. Munido de balé, o corpo poderia dançar qualquer especificidade

cultural, seja a dos escravos do Haiti, em cultos vudus (*Rassemblement*), percussões tunisianas (*Cor Perdut*) ou a Floresta Amazônica (*Na Floresta*). Nacho não está sozinho nessa falsa certeza. E, como todos os seus parceiros de engodo, acredita, sinceramente, nessa como a maneira de "tornar o balé contemporâneo".

Fazendo da técnica do balé um galão pirata, sai saqueando singularidades culturais. Reúne tudo no terreno que domina — o modo de coreografar aprendido com o mestre Kylian, em tempos de Nederlands Dans Theater — e

transforma seu palco num balcão de pasteurizações. Seja lá qual for a música ou o texto cultural que transforma em objeto do seu interesse, embalsama todos num mesmo modo de ver.

Distribui, em todas as músicas que utiliza, a mesma obsessão em fazer corresponder a cada nota um gesto, numa truculência que atropela o que se entende por musicalidade. Nas suas coreografias, a música funciona como um tapete em que cada nó precisa ser ocupado. Iluminação e figurinos carregam a

mesma taxa de obviedade do gestual. E a soma conceitual de tudo isso o conecta não a Kylian, mas sim a outro mestre seu, Béjart.

Para Nacho Duato, não adianta apenas entender que, em artes cênicas,

muitas vezes, menos é mais. Falta, basicamente, repensar a questão da nacionalidade em dança — já que esse parece ser seu mote criador. Um assunto que começa e acaba no corpo e não nas boas intenções.

